



***“Nove irmãos  
à sua espera...”***

***Yêda Rios Brandão  
- geradora de vida -***

*Nove irmãos à sua espera...*





Missão Salesiana de Mato Grosso  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
Instituição Universitária Salesiana

Chanceler: Pe. Afonso de Castro

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitor Acadêmico: Pe. Jair Marques de Araújo

Pró-Reitor Administrativo: Cl. Luilton Pouso

Catálogo na fonte: Biblioteca "Pe. Félix Zavattaro" - UCDB  
Brandão, Yêda Rios

Nove irmãos à sua espera / Yêda Rios Brandão. Campo Grande: UCDB, 2003.

64 p.

1. Amor materno 2. Mãe - diário 3. Brandão, Yêda Rios. I Título.

---

Clélia Takie Nakahata Bezerra  
Bibliotecária - CRB n. 1/757

© 2003 Editora UCDB

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*Nove irmãos à sua espera...*

*Yeda Pios Brandão*

*- geradora de vida -*



Campo Grande-MS

© 2003 **Editora UCDB**

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

Direção  
*Heitor Romero Marques*  
Coordenação de Editoração  
*Ereni dos Santos Benvenuti*

Editoração Eletrônica  
*Rosilange de Almeida*

Revisão de Texto  
*Raquel Naveira*

Capa  
*Fábio Baptista*

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos autores e não representa o posicionamento da Editora UCDB.

Direitos desta edição reservados à **Editora UCDB**, cadastrada no Sistema ISBN sob o n. 7598:

Av. Tamandaré, 6000 - Jardim Seminário  
CEP 79117-900 Campo Grande-MS  
Fone: (67) 312-3377 Fone/Fax: (67) 312-3373  
e-mail: [editora@ucdb.br](mailto:editora@ucdb.br) <http://www.ucdb.br/editora>

Andópolis, 24-06-60

Para as mães felizes  
e as que se sentem arrasadas,  
mães realizadas e as que se encheram de  
decepção, mães pobres, doentes,  
sozinhas, mães que se foram,  
mães que embalaram os Gandhis,  
os Schweitzers e os Shirhans,

A uma boa mãe, a minha.

Anápolis, 24-06-66

Querida Yêda,

Seu livro é um mimo. Tão leve e saboroso. De estilo feminino, fresquinho, moderno e enxuto. Tem conteúdo profundo. É uma graciosa mensagem às mães e noivas.

Yêda, vou ser franca com você. Nunca pensei que chegasse a compreender com tanta elevação e profundidade a sublime missão de ser mãe. Na expressão da palavra: mãe cristã, autêntica, vivendo os momentos deliciosos desta época tão esplêndida. Suas entrelinhas dizem mais que as palavras.

Seu livro precisa ser publicado. Para estímulo de outras mães. Para exemplo de muitas. Para lição de suavidade e amor a muita mãe que não encontra no lar e nos filhos aquela felicidade que existe em toda plenitude. Só dentro do lar. É um lar com filhos. Vem mesclada de sofrimentos, angústias, aflições, impaciências, não há dúvida. Mas onde encontrar a felicidade purinha sem estas misturas? Só no céu, não é mesmo? Seu lar é uma bênção do céu!

Não me arvore em crítica literária. Mas insisto que o livro deve ser publicado. Vai fazer bem a muita gente. A mim, fez. Li-o de um fôlego à noite, depois das orações, enquanto a casa toda dormia. Sou uma intensa amiga dos livros. Leio. Com isso ajusto-me ao momento e deixo cair velhas filosofias que não se enquadram com o momento.

Acho Da Paz distraída e abstrata. Na aula não faz uma pergunta. É inteligente e uma das poucas alunas da série em que se encontra, que escreve com certa correção. É o que salva. No que toca ao estudo, tem dado pouco. Não sei com as outras matérias. Digo comigo. Num dia destes dei-lhe uma chamada, meio forte, para sacudi-la da vadiação. Chamei-a para arguição e...nada! Nada mesmo. Tratando-se de vadiação, sou meio forte. E exigente. Os pais lutam tanto!... Sei que é a idade. Compreendo a fase. Mas a gente tem que ajudar, não acha?

Ela se parece muito com você: na educação, delicadeza, o mesmo olhar vago buscando não sei o quê muito longe...

Dou-lhe parabéns pela vida maravilhosa que você oferece ao esposo e filhos e pela jóia de livro que vai enriquecer nossa literatura.

Yêda, meu grande abraço e saudades.

Ir. Eunice.

*Se alguém passar perguntando por corujas,  
dir-lhe-ei que abrigo um ninho de águias.  
Somos assim, as mães...*

Vieram e dominaram tudo!  
A princípio compassado, o ritmo foi acelerando  
quase à vertigem.  
Tiraram a gostosa quietude, a solidão sempre  
temida e às vezes desejada.  
Modificaram gostos, horários.  
Quanta renúncia calada, não percebida.  
A maior está implume e a mais nova apenas  
balbucia.  
Bando avassalador, álcere, impertinente, de tenras  
avezinhas...

# Sumário

---

Apresentação .....	15
Dona Yêda: geradora de vida .....	17
Sandra .....	21
Sandra tem 6 anos .....	24
Dia 13, 13 anos .....	26
Catarina .....	28
Dedicação, meiguice e bondade são sinônimos de Maria Catarina .....	30
Paz .....	32
José Miguel .....	35
Quem será????? .....	37
Edmundo .....	38
Leonardo .....	40
Pedro .....	41
Myriam .....	43
Nove irmãos à sua espera .....	45
11 de novembro .....	49
Papai .....	50
Genealogia .....	51
Herança .....	53
Quantos anos? Psiu!!!! .....	56
P. S. Patrício .....	58
Obrigada, Senhor .....	61

# Apresentação

Quando retornei para a faculdade, depois de alguns anos sem estudar, vendo e convivendo com tantos jovens, achei que este pequeno livro de mamãe poderia ser um sinal de amor e doação neste mundo, onde é raro encontrar casais que queiram ter mais que dois filhos.

Por isso, acreditando que vale a pena ter uma grande família, peço a Deus que abençoe cada mulher que ler este livro, para que se torne um instrumento dócil nas mãos Dele.

Mamãe, quis fazer para a senhora uma canção que falasse do meu amor, da minha afeição.

Busquei nas lembranças a sua imagem mais distante. Encontrei seu sorriso, seu calor, sua paz.

Lembro-me da senhora sentada debaixo da jabuticabeira, mais parecendo um anjo do que uma pessoa, uma santa de altar.

É tão pura, tão meiga! Uma linda flor que Deus colheu do Seu jardim e nos emprestou para ser a nossa mamãe.

Quero hoje agradecer a Deus a mãe tão doce que Ele nos fez merecer. Tenho para com Ele uma dívida eterna, mas para não aumentá-la tanto assim, faço um trato: – Cuide da minha mãe, que eu prometo amar e servir a Sua até o fim.

Maria de Fátima  
Sua filha

## *Dona Yêda: geradora de vida* \_\_\_\_\_

Amor materno expressa o desejo de homens e mulheres de viver relações caracterizadas pelo cuidado, pela atenção e pela sensibilidade. Mãe evoca origem, princípio, fonte. A mãe-terra é chamada “Gaia”, relembrando o antigo mito explicitado pelo grego Hesíodo. A terra é a mãe que nos nutre gratuitamente com seus frutos.

O amor materno radica-se na experiência concreta das mães. A dimensão materna do amor humano não se opõe à amizade ou ao amor erótico, mas faz parte deles.

Alguns traços de amor materno devem ser cultivados por todos nós: a ternura; o calor humano nas relações; a intuição; a sabedoria; o auxílio ao outro, tão fragilizado num mundo confuso; o ouvir e acolher o próximo.

Neste singelo diário de uma mãe, Dona Yêda, encontramos o testemunho de uma mulher corajosa e doce, que se entregou de corpo e alma a uma missão: ser mãe. Gerar filhos para Deus. Fazer de seu cotidiano, ao mesmo tempo rico e rotineiro; harmonioso e sobressaltado; alegre, mas todo permeado de pequeninas limalhas de tristezas e emoções, uma perfeita entrega da própria vida, um crescimento espiritual de sofrimento e prazer.

Cada filho é esperado com humildade, júbilo e forças redobradas. Cada filho é um mistério em que ela reconhece um pedaço de si, de seu esposo e de Deus. Com que olhar

arguto ela tenta desvendar a personalidade de cada um e educar com firmeza, severidade e brandura.

Neste mundo de impessoalidade nas relações; de racionalismo empobrecedor, que tudo quer reduzir a coisas explicáveis, que tudo pretende dissecar e cortar mediante a fria análise; um mundo sem claros critérios éticos, marcado por poucas certezas, surge, através dessas páginas e dessas fotos de uma grande família unida, a figura de um casal especial, devotado ao lar, que desenvolveu a relação paternidade-maternidade como extrapolação de sua saudável relação de amor cristão.

E em quem Dona Yêda buscou a inspiração para viver plenamente sua opção materna? Em Maria, que dá nome às suas filhas: Sandra Maria, Maria Catarina, Maria da Paz, Maria de Fátima, Myrian, Luz Maria... Em Maria, a filha de Sião que cumpriu a profecia; a segunda Eva que nos deu a certeza da verdadeira humanidade de Cristo; na Theotokos, mãe de Deus; na serva do Senhor; na mãe bendita, dolorosa, mediadora; no modelo de fé na palavras de Deus; na mulher vestida de sol; na Mater Gloriosa, que representa o Eterno Feminil.

Quanta feminilidade em Dona Yêda! Quanta capacidade de proteção, de atenção, de energia que alimenta e ajuda a crescer. Tudo envolvido na atmosfera feminina de uma casa com flores; comidas saborosas; pequenas prendas e mimos, que mãos trabalhadeiras e diligentes sabem tão bem preparar.

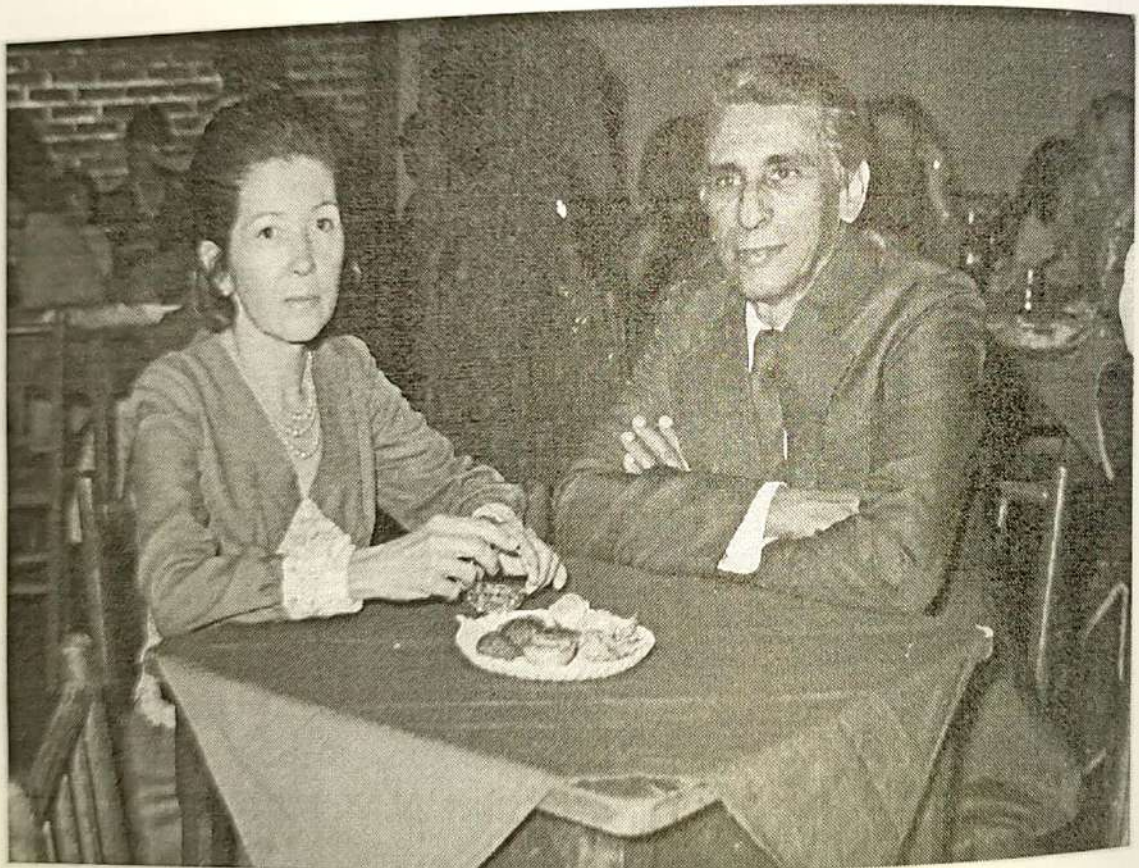
Com certeza, a família de Dona Yêda, filhos, netos, bisnetos e todos que lerem este livrinho-homenagem, encontrarão novo ânimo de luta. A mulher moderna enfrenta muitos desafios ao ser mãe. Empreende gigantescos esforços pra conciliar o papel de mãe com outros, como o de profissional e cidadã. Essa nova configuração tem alto custo, que recai novamente sobre a mulher. Trata-se de uma libertação custosa, realizada em meio a conflitos psicológico-existenciais. A mulher-

mãe sente enorme carga de responsabilidade sobre suas costas. As mulheres estão estressadas, devido a múltiplas tarefas e preocupações. Hoje, mais do que nunca, estamos aprendendo que o amor na família se vive nas condições possíveis, não na situação ideal. O padrão ideal: Maria, José e Jesus – Seu Edmundo, Dona Yêda e seus doze filhos, um já entregue a Deus – deve ajudar as pessoas a buscarem o maior bem possível na situação em que se encontram, não a sentirem-se inúteis e fracassadas porque não o alcançaram.

O tipo de vida que Maria e Dona Yêda levaram e o ambiente cultural no qual elas desenrolaram sua existência estão superados em muitas partes do planeta. Exemplar em Maria e em Dona Yêda é o compromisso radical com o Reino de Deus, com a pessoa de Jesus, com a criação do espírito de partilha, amor e respeito em família e em comunidade.

Ser mãe como Dona Yêda e Maria é ser profetisa, mulher forte, discípula de Cristo, peregrina na fé. Mulheres geradoras, que defendem a vida e por ela se empenham.

Raquel Naveira  
Escritora, professora da UCDB



Yêda e Edmundo Brandão.

## *Sandra*

---

Sandra, sonhamos muito com você!

Você estava no pensamento de papai, quando pensou em construir um lar, e no de mamãe, ao embalar em criança as suas bonecas, que iam dos bebês de celulóide às desajeitadas bonequinhas de pano.

Quando você chegou, ficamos encantados! Era como se a humanidade inteira tivesse aparecido, igual Adão e Eva, e fosse você o primeiro nenê.

Quando a esperava sua vovó, falou-me de uma linda menina, que se chamava Sandra. Encantei-me com o nome como se fora criado para você e, chamei-a também Maria, para homenagear em você, a nossa Mãe do Céu.

O seu batizado foi uma festa em família. Escolhemos o lindo dia do nascimento de Deus-Menino e você foi levada à pia batismal sob o olhar carinhoso dos parentes mais chegados. Padre Cleto Altóe, vigário da paróquia, oficiou a cerimônia. Você estava vestida com bonita camisola branca, usada até agora por todos os seus irmãos.

Quero lembrar-lhe a boa mulher, que assistiu a seu nascimento, juntamente com o Dr Cavalcante. Era uma viúva, conhecida por Ana Parteira; como a você, ela ajudou a vir ao mundo uma legião de crianças. Tratava as mães com banho de folhas de algodão e outras ervas, e punha fumo e alecrim torrado no umbigo dos nenês. Dizem, que Deus dá o frio

conforme a coberta, o que é certo, pois todos nós, os bebês jaraguenses de outrora, que viemos ao mundo com ela, ou com sua mãe, Sá Dita Parteira, aqui estamos. Em contato com os médicos, ela atualizou-se um pouco e no seu umbiguinho já usou as sulfas modernas.

Usando alimentação artificial, mal orientada por uma mamãe em aprendizado, seu intestino ressentiu-se e uma grande infecção, quase a levou, doença, que só foi definitivamente debelada aos três meses de idade, quando você, que tinha chegado bem normal, estava uma criança fraquinha e miúda de fazer dó.

Lembro-me dos banhos e panos quentes em sua barriguinha, quando você morria de fome. Em nossa falta de experiência não o suspeitávamos e só o descobrimos mais tarde, em desespero de causa, ao dar-lhe uma mamadeira de chá.

Para sua mamãe, tudo que se relacionasse com você era coisa realmente importante. Foram carinhosamente anotados os dias em que você tomou a primeira sopa, aparou o cabelo, deu o primeiro passo...

Desde que aprendeu a falar, você nos confundiu com perguntas indiscretas e originais, algumas cheias de inteligência:

- Mamãe, o Menino Jesus é homem ou mulher?
- O Menino Jesus é homem, Sandrinha.
- Então Nossa Senhora das Graças e as outras são homens também?
- Não, Nossa Senhora é mulher. Existe santo homem e santa mulher.
- (Pensando um pouco) Mamãe, então eu não quero ir para o céu.
- Por que, filhinha?
- Porque o Menino Jesus é homem e papai não gosta de que a gente brinque com meninos.

Aos 5 anos assaltou-a uma doença quase fatal. Você perdeu a fala, repuxava, batia os braços em completa inconsciência. Foram dias terríveis, que coincidiram com a sempre amada festa do Natal. Eu me achava tomada de uma depressão nervosa e seu pai substituiu-me a seu lado como um enfermeiro atento e dedicado. Dava-lhe banhos, dormia aos seus pés, com ternura e sobressalto, que só um grande amor filial poderá compensar. Depois viriam seu irmãos, mas foi você quem primeiro nos chamou Mamã e Papá, quem primeiro encheu os nossos dias de contentamento e as nossas noites de um choro impertinente, mas querido.

## *Sandra tem 6 anos*

---

Sandra tem 6 anos, para ela seria bom ter nascido caçula ou filha única, mas Sandra tem 6 anos e é a mais velha de cinco irmãos.

Não sei quando deixei de mimá-la, e passei a dar-lhe pesados aumentativos: Velhona, Moçona!

Passo o dia a dizer-lhe que precisa comportar-se para dar exemplo aos irmãos.

Certa tarde, levei-a à Igreja, pois breve o preceito de missa aos domingos será obrigatório também para ela. Em meio ao ofício teve sono e pousou em meu ombro a cabecinha. Fitei-a tomada de remorso e carinho. Seu lindo perfil moreno sobressaía nas vestes claras e, longe dos menores, como era miúda e fraca!

Outra vez, foi olhar com as vizinhas a festa no clube. Mandei buscá-la, coloquei-a na cama e tendo nos braços um dos bebês, media em passadas o quarto, pregando-lhe terrível sermão:

- Não vê, menina, que é ainda muito nova para ficar olhando bailes? Uma criança de sua idade, não deve preocupar-se com estas coisas.

Sandra de um pulo assentou-se na cama, perguntando-me espantada, quase irônica:

- Mamãe, a senhora não me chama de moçona?!...

Calei-me. O que poderia dizer à Sandra? De fato, em casa,

em meio a tantos irmãos mais novos, ela era a velha, a moça. Como explicar-lhe? Como a sua cabecinha compreenderia o cansaço e a trabalheira de uma mãe com muitos filhos, a ponto de considerar adulta uma criança de 6 anos? Ela adormeceu e eu me achei à sua cama. Era tão pequena e de olhos fechados, deixava para depois um montão de idéias e vadiagens.

Uma ternura enorme invadiu-me o coração! Senti-me cruel, injusta. Beije-a e fiquei longo tempo ali, com lágrimas rolando pelo meu rosto.

Amanhã, quando for outro dia, começará a fazer artes e uma porção de perguntas às quais não responderei ou o farei com mais fraco mau humor. Sei que vou gritar muitas vezes:

- Velhona, engraçada, sem me lembrar de que tem 6 anos. E que pena, pois 6 anos ainda não é nada!

**P.S.:** Sandra com 12 anos é a mais velha de nove irmãos.

## *Dia 13, 13 anos*

---

Hoje, em nossa praça, a grama se fez brilhante, os flamboyants floriram numa beleza indescritível. O sol, que brincava de esconde-esconde, para deixá-la temerosa, quis ser bom e cintilou, colorindo a paisagem.

Depois de doze anos, não houve festa, não tivemos convidados. Você não achou bom – crianças gostam de algazarras e presentes.

Neste ano, filha mais velha, fiz de você minha experiência, procurando transformá-la em exemplo para seu irmãos: quero-a amável, solícita, estudiosa, uma autêntica perfeição.

Quantas vezes violentei o mais íntimo de sua personalidade e maltratei a sua figura frágil e esguia, como talo de bambu. Temos lutado tenazmente em rumos opostos. Eu, tirana, tentando moldá-la a meu gosto e você, rebelde, inflexível, dura, querendo mostrar-me ostensivamente, que não pretende capitular. Provoco confidências e, esquiva, você me detém no limiar de seu ego impenetrável.

Como sabe abusar de minhas noções de boas maneiras. Parece ter feito de pirraça com as visitas, fingindo não ouvir, fazendo-se de distraída ou malcriada, colocando-nos em situação melindrosa. Para você, sou a mãe rabugenta, implacante, e quem não a conhece é capaz de supô-la um anjo, tal a serenidade de tão insólita criaturinha. Sua insolência chega ao ponto de lançar-me em rosto esta verdade:

- A senhora fala que bate e não bate, por isso mesmo ninguém lhe obedece!

É claro que diz assim referindo-se aos maninhos; no que lhe toca, sabe me levar a aquiescer a seus desejos, às vezes absurdos.

Entre muitos atrapalhos, acumulou a certeza de uma reprovação. Como castigo, garanti que faria os exames para expô-la ao ridículo da turma. Então você se tornou atenciosa, boazinha, como não o era com freqüência; vi que se esforçou muito nisto. Tive dó, decidi que, aluna vadia, não faria de você a caçoada dos colegas. Para longe os tratados de pedagogia... Se errar, erraria sozinha e com amor.

Vejo os anos anteriores, em que eu, como criança, tinha raiva de chuva vir tirar o entusiasmo de minha Sandrazinha. Havia vestido novo, bolo com velas, presentes.

Hoje depois da missa, ao colocar em seu pescoço uma corrente de ouro, feita de encomenda em nossa terra, beijei-a e me deixei tomar de intensa comoção, que enche o coração das mães. E o sol que estava vacilante, brilhou! Podia chover, porque não haveria brincadeira, nem convidados, mas para festejá-la, os flamboyants combinaram de florir e o gramado cintilou reverdecido num cenário espalhafatosamente belo!

Dia 13, 13 anos.

## *Catarina*

---

Você chegou num hospital de Anápolis, na sexta-feira. Mais ou menos à meia noite, do dia 9 de setembro, você se fez anunciar e às 6 hs da manhã, a minha suave Catarina abria os olhinhos para a vida.

Assim, 36 anos após o casamento de meus pais e 16 anos da morte de minha avó materna, foi o seu nascimento. Como a sua bisavó, você se chamou Maria Catarina.

Assistiu-a chegar e pegou-a Giselda, uma boa enfermeira amiga; logo, como me sentisse bem, escrevi a seu pai, contando-lhe sua vinda. Quando ele a teve nos braços, me disse:

- Se fôssemos cada qual para um lado e tivéssemos de escolher entre as duas, eu levaria Sandra, o nenê ficaria para você. Este desabafo foi desmentido, pela extrema afeição, que devotou ao amorzinho de meiguice e bondade, que é Catarina.

Na Maternidade achava-se a mãe de uma pequena Síria, que sempre aparecia em meu quarto. Certa vez entrou curiosa:

- Olha, disse-me, vi no berçário um nenê de cabelo arrepiado, agora estou de quarto em quarto à sua procura.

Como o bebê de cabelo levantado fosse a minha encantadora filhinha, eu delicadamente, oculte o seu cabelo liso e espetado, para não desapontar a estouvada menina.

Quando pequena, seu pai e eu reparávamos o contraste de seu despertar e o de sua irmãzinha; ela abria os olhos chorando, e você emergia das cobertas sorrindo. Fazia-nos bem

vê-la assim, com as covinhas fundas emoldurando um sorriso como a mesma manhã, que é sempre bela.

Sou sua mãe, mas não sei como falar em você, que não se faz notada por sua vontade por ser buliçosa ou vadia. A gente sente a ternura, o equilíbrio de tudo que é você ou que a cerca. Sabe ser engraçadinha assim:

- Mamãe, eu havia apanhado três jabuticabas para a senhora, mas me distraí e chupei todas as três!

Certa vez pensei entristecida: esta menina parece tão aérea, talvez me dê trabalho, quando for para a escola!

Quando fez 6 anos, chamei-a a meu lado e pedindo aos céus para proteger a coisinha a quem ia ensinar pela primeira vez, mandei-a juntar as sílabas, pois as letras já sabia, ouvindo Sandra. Surpreendeu-me em você uma inteligência clara e precisa, com poucos dias, lia quase toda a cartilha. Eu me esquivava de ensinar-lhe, temendo forçar a sua constituição franzina, mas você pedia com redobrada insistência:

- A mamãe só ensina à Sandra e a mim não quer ensinar!...

Na escola tem se mostrado uma aluna exemplar.

À noite, ao vê-la dormindo, queixo-me intimamente de ter sido ríspida com suas irmãs, mas com você não é assim. Se não tenho tempo bastante para mimá-la, o seu feitio calmo e obediente não exige repreensões.

Seu pai e eu damos graças de possuímos uma joiazinha como você!

*Dedicação, meiguice e bondade  
são sinônimos de*

*Maria Catarina*

Você tirou o diploma de curso primário. Idade mínima, boas notas, comportamento exemplar.

Toda candura, você estava engraçadinha, igual ficam as crianças, em dias de primeira comunhão ou em dias de formatura.

A família esteve reunida em grande gala e você era o centro de nossos olhares, objeto de nossa viva alegria. Eu e seu pai nos entreolhamos satisfeitos, quando em meio a uma brincadeira, um testamento entre colegas, legavam a uma delas o seu comportamento exemplar. O que de melhor poderia acontecer a um casal de pais encantados?

Estes anos passaram delicadamente, como a sua pessoazinha calma, mas que sempre sabe o que quer. As lições decoradas, os deveres feitos, o comportamento irrepreensível. Sua professoras nestes anos dizendo sempre:

- Boa aluna, aluna exemplar!

Em meio à festa, comparei-a à sua irmã mais velha. Ambas magrinhas, fisicamente parecidas e de temperamentos tão diversos. Passei de intenso contentamento ao estado de

defensiva amuada e tornando-me compadecida com o lado mais fraco, senti certo despeito de você havê-la alcançado nos estudos. Ela estava alegre, muito satisfeita de recebê-la como colega de turma.

Digo que lhe devemos um pouco de seu êxito! Qual receita que se experimenta, temos aprendido nela. Por tudo isto, em sua viagem de prêmio, ela lhe fará companhia.

Adeus, MARIA CATARINA, muitas felicidades para você e a nossa querida EXPERIÊNCIA!

## *Paz*

---

Abri o grande dicionário de Laudelino Freire e li: PAZ – repouso, silêncio. Tranqüilidade da alma. Sossego.

Ninguém gostou de seu nome, com exceção de um tio meu, cuja carta guardei para você.

Meu caro Brandão,

Neste mundo conturbado, onde o entrechoque de interesses faz alastrar a guerra entre os povos, Maria da Paz é um nome significativo, religioso e sereno. Que este nome influencie no destino de sua filhinha, são os meus votos.

Para você e Yêda, um forte abraço do tio e amigo, Geraldo.

Paz é tudo o que diz Laudelino Freire em seu dicionário e você é barulho, movimento, desassossego, o que contraria uma definição de paz. Eu a chamarei alegria! Mas, pode alguém estar alegre, sem que seu espírito esteja em paz?

Por isto, embora turbulenta e traquina, fica-lhe bem o doce e lindo nome de Maria da Paz.

Fui esperá-la em Anápolis e você nasceu pregando peças. Seu tio telegrafou para o papai: Demerval chegou!

Vovó anunciou aos vizinhos a chegada de um menino e seu pai contente ameaçava os ciumentos papás com manhosas serenatas. Conseguiram levá-lo enganado até à Maternidade,

quando lhe apresentei você. Ele, que dissera não querer menino, deixou perceber uma controlada indiferença.

Você era morena e engraçadinha. Com sete dias mandei furar suas orelhas e enfeitá-las com minúsculas bolinhas. No 10º, foi levada à cripta da Igreja de Santana e batizada. Somente seu pai e os padrinhos assistiram à cerimônia e a última noite, que você passou no berçário entre tantas crianças, já se achava integrada na Igreja Católica Apostólica Romana.

Uma vez, tendo-a nos braços, tive um pensamento de que até hoje me penitencio. Você era manhosa, dona de um choro irritante, começando sempre por um agudo assustador.

Logo você me dava uma delicada resposta, pois crescendo um pouco revelou muita graça e determinação. Com um ano dizia para os que lhe perguntavam o nome:

- Pazinha, PAZONA, acompanhando as palavras com caretas e sorrisos.

Não há quem se nos aproxime, que não se sinta cativado por você. Sabe apresentar uma cadeira à visita e em meio as traquinagens acha uns minutos para dispensar a cozinheira ou vir dar-me uma prosinha. Durante a refeição, é capaz de perguntar-me deliciada:

- Mamãe, foi a senhora, que fez a comida? Está tão boa!

Sendo a resposta negativa, grita para a cozinha:

- Puxa, Nenê, que comida gostosa, faça sempre assim, ouviu?

Com a sua aguda perspicácia de criança de cinco anos, advinha a hora de dizer as coisas e como dizê-las.

Quero contar-lhe que se transformou numa menina engraçadinha, talvez até um pouco envaidecida, por ser sempre notada entre as irmãs. Sandra falou uma vez enciumada:

- Mamãe só sai com Pazinha, porque ela é mais bonita!

Doeu-me esta observação e não é verdade. Você é

comunicativa, gosta de movimento e sendo barulhenta, sai comigo para deixar a casa mais sossegada. Na verdade há dias em que estou com bons olhos e vejo em cada um de vocês, prodígios de encanto e graça, mas com olhos maus, coitados!

Ontem seu pai fez tempo quente em casa e mandou-a adormecer Fátima na rede. Assentada num criado, mal tocando o chão com um dos pés, entre surpreendida e compenetrada você estava um amor. Depois de adormecer a pequena, você deu um giro pela casa, mas no meio de novas zangas, voltava a dar na rede pequenas balançadas.

Sendo ainda tão nova, possui vasto círculo de amigos e consegue fazê-los com facilidade. Se me descuido, enche o quintal de crianças e as leva para o banho de chuveiro, para pular nos colchões e fazer as coisas mais incríveis.

Infelizmente não tenho bastante tempo para me deter em você e me lembro poucas vezes de que ainda é um nenê. Bem que isto não a impressiona, pois compreende a sua atarefada mamãe e lhe cura as impaciências com carinhos e beijos.

E através de repreensões, surras e a confusão produzida por tantas crianças, aparece nítida, destacando-se entre as demais, a sua vigorosa personalidade.

## *José Miguel*

---

- HOMEM!

A voz da enfermeira encheu a sala como um encantamento.

Um menino, refleti maravilhada!

Hora zero, do dia 29 abril de 1953. Tive medo de que os minutos retrocedessem e a enfermeira, que o anunciou menino dissesse o contrário. Foi um grande amor à primeira vista, como se ganhássemos novamente o primeiro bebê. Seu pai anunciou amplamente a sua vinda e se esqueceu de que só queria filhas.

Com alguns meses verificou-se ausência dos canais lacrimais e você foi submetido a um tratamento doloroso, que coincidiu com terrível infecção intestinal, acompanhada de vômitos e desidratação aguda. Pelo adiantado da doença, se inicia uma luta desigual, tendo como objeto de peleja, o seu corpo quase sem vida. Havia um médico humano, competente, também cioso de seu nome, e uma mãe lutando pela vida de seu filho até perder a noção de si mesma, do tempo de todos. Vi nitidamente você morto, frio, a terra cobrindo o corpinho tão querido, que a doença violenta não conseguira emagrecer. Senti a umidade da cova, cheiro abafado de flores e a terra consumindo implacável aquele calcanharzinho tão fino, que se destacando de sua figura, ficaria eternamente impresso em minha retina.

Por mais desigual que fosse a luta, eu pelejaria até o fim.

Jairo não cedera ante a morte real de sua filha e mandara emissários ao Cristo e eu enxergando você morto, falei à sua mãe:

- Senhora, meu filho morre, mas se você o quiser para si, faça-o viver e eu serei apenas a sua mãe aparente!

Soro, água, medicamentos, noite longa de vigília e a manhã me encontrando assentada a seus pés. O anjo da morte cedera ante a dor de uma mãe e a esperança foi afastando de mansinho o temor, que me retinha em suas garras.

Você me foi confiado novamente; outra vez as mamadeira, os braços acariciantes de mamãe para o embalar, a vida!

Um dia você fez 'durinho'. Deu os primeiros passos, falou: - PAPAI! Falou: - MAMÃE! Aumentou o seu vocabulário infantil com nomes de caubóis, índios, animais e aprendeu a atordoar-nos com um sem-número de perguntas.

Veio a primeira aula, a primeira briga, a primeira Comunhão e o coração da mamãe pulsando sempre mais ligeiro a cada nova experiência de seu filhinho.

Naqueles dias de outubro, tudo que eu era, em células, nervos, músculos e alma se fundiu em vontade e determinação, para não capitular; que não seja em vão, meu filho! Seja qual for o caminho a seguir ou por mais modesta a profissão que abraçar, faça-me sentir que naquelas horas de sofrimento, eu roubava à morte um homem digno e não apenas o meu FILHO!

## *Quem será?????*

La ganhar o nome do santo do dia e escolheu para nascer o primeiro sábado.

Quase morreu quando cortou o pulso num pirex.

Porque chupa o dedo, os maninhos a chamam de apelidos maçantes.

Vem crescendo solicitada, boa, carinhosa. Quando mamãe se dirige a um dos irmãozinhos e pede para levar um recado ao armazém, ela ligeira pergunta:

- Onde é, mamãe, deixe-me ir para a senhora?

Arrebata ligeira a cesta ou o embrulho e lá se vai correndo.

Nenhum dos irmãos a vence em solicitude e presteza; é muito carinhosa e está sempre afagando a mamãe:

- Mamãe bonitinha!

- Filhinha bonita!

Quando a mamãe diz que a filhinha é bonita, quer dizer que é boazinha, atenciosa e um milhão de adjetivos carinhosos.

E a filhinha, quando diz que mamãe é bonita, quer falar que é a sua MÃE. E mãe é cantiga de ninar, braços que se fazem de pluma para a embalar, noites de vigília à sua cabeceira, inquietação e também alegria. MAMÃE é afagos, olhar de carinhosa aprovação, reprimenda cheia de ternura.

A filhinha bonita de mamãe?

- É MARIA DE FÁTIMA!

**P.S.:** Quando voltei à maquina, PAZ escrevia catando as letras:

- Mamãe adula Fátima...

## Edmundo

---

Entrei vagorosamente pelos vastos corredores silenciosos. Nunca me acostumei ao clima de hospital; cheio de dores e também de esperança. Cheiro de éter, instrumentos cirúrgicos à vista. Olho de passagem, sentindo mal-estar, a sala de partos tão minha conhecida!

Quero o quarto 2. Procuro a velha preta, nossa vizinha de tantos anos. Ela passou mal e dorme. Converso em sussurro com sua pequena companheira de quarto e volto lentamente sobre meus passos.

Paro em frente do relógio. Relógio de hospital! Quantas horas boas e más terá marcado? Certa manhã ele marcou 8h 15min e você nasceu. Havia alegria, o encanto peculiar a todas as manhãs e do mundo, mais um ser criado por DEUS, à sua imagem e semelhança.

Abro a porta da capela envolta em quieta penumbra e oro. Peço pelos que aqui nasceram, padecem ou morrerão no futuro. Aqui muitas vezes entrei tomada de incertezas e para agradecer ao sair enriquecida de mais um bebê. E o dia em que o trouxemos com crupe! Sua língua presa até então, foi prontamente solta, para mandar embora a irmã, quando aparecia com a terrível agulha de soro.

- Tiau, moça, tiau!

Você chamava. E eu tão perto e impotente para tomar o seu corpinho dolorido preso nas mãos de médicos e

enfermeiras.

Muitos dias e alguns anos nos distanciaram daquela manhã de fevereiro. Guardo suas graças, suas perguntas espirituosas, seus receios de criança.

Tenho me impacientado com suas manhas e travessuras. Você é um pequeno cativante, possuidor de um dom todo especial de atrair simpatias e amizades.

Até hoje me lembro daquele dia no hospital. As expectativas pelos corredores, o ambiente pesado, sofrimento. Gente sofrendo, morrendo, esperando.

Você, felizmente, se recuperou do crupe. Lá fora senti o sol vermelho das queimadas, quente, implacável.

## *Leonardo*

---

Setembro-19. Quinta-feira.

Fui procurar a folhinha, para me lembrar com certeza do dia em que você foi batizado. Era 4 de agosto de 1957, 8º domingo depois de Pentecostes. Era na parte da manhã, o sacerdote consagrou-o a Nossa Senhora. A mesma camisola branca, agora ligeiramente amarelada, foi usada por você.

Não me esqueço de lhe dizer, que quando fomos levá-lo à Igreja lá havia um féretro e era também o de uma mãe com o seu filhinho. Ela morrera ao trazê-lo à vida. Não entrei com você, enquanto não saiu o caixão, talvez em graça, temendo ser afronta levá-lo triunfalmente nos braços, enquanto outra mãe, deixando outros filhos, ia com o menorzinho à tumba. Um sentimento de angústia e mágoa encheu-me o coração, em hora que nos devia ser tão alegre. Desejei que não houvesse mais tanta tristeza e que você contribuísse para isto. De que forma? Como médico? Há tantos médicos e mães continuam morrendo. Em minha alma brotou o desejo de que você fosse bom, justo, humano.

Em dias vindo, dias indo, você terá um ano, dois, três, quantos Leonardo? Quando for chamado ao Pai, deverá levar a alma tão branquinha como ficou após o batismo e assim conservá-la pela a vida à fora.

# Pedro

---

13-7-1958

Estou curiosa à sua espera, querido filhinho, ainda não nos vimos, mas ao fitá-lo pela primeira vez, vou sentir como se já nos conhecêssemos e que era justamente de você, que ainda precisávamos.

Se for homem, vou chamá-lo Pedro, se uma menina, hesito em vários nomes, qual se nenhum fora bastante belo para você.

12-8-1958. Santa Clara.

Pedro inicia a vida sob a proteção de uma virgem e do grande apóstolo Pedro.

É um nenê vivo e sadio.

15-8-1958

Batismo na capela do Hospital.

Da janela de meu quarto, avisto a cidade, ao pé da serra. Juntinho ao hospital, flores começam a se abrir, além, árvores vestidas de novo sobressaem no capim tostado pelo sol. Caraíbas e flores roxas se enfeitam, colorindo a serra uma visão de caleidoscópio.

Sandra me faz companhia. Borda, ora e me distrai com as suas intermináveis perguntas.

26-8-1958

Caiu o umbiguinho de Pedro.

À noite, já em casa, agradeço a Deus, o ter-me restituído  
sã e salva ao convívio dos meus.

A criançada esteve encantada com a novidade.



Da esquerda para a direita: Edmundo Filho,  
Leonardo, Yêda com Pedro no colo, José  
Miguel, atrás.

# Myriam

---

Se fosse homem seria Paulo.

Para cobrar o pagamento de velha promessa, você apareceu menina e se chamou Myriam de Jesus.

Chegou na mais alegre de todas as datas, o Natal. Neste mesmo dia e hora nasceram outras crianças; você foi a que Deus quis para nós, com a sua carinha, sua alegria, seus possíveis defeitos e qualidades.

Confesso tê-la recebido com o entusiasmo de uma mãe, ganhando o seu nono filho. Fosse de qualquer sexo, viria quebrar a harmonia numérica de quatro casais.

Assim, Myriam, sem que a quiséssemos ou desejássemos, você nasceu da vontade daquele à qual se inclinam todas as vontades.

Seu nascimento causou viva preocupação, no seio duma grande família unida. Sob ameaça de complicações, provocou idas e vindas, corridas de avião, ceia de Natal interrompida, Missa de Galo deixada. Para se desculpar de tantos atrapalhos, você apareceu sem causar sofrimento físico, embora eu nunca houvesse me preparado por métodos especiais.

Quando eu a vi pela primeira vez, você estava azulzinha, dependurada pelos pés, nas mãos de um grande médico. De um homem de vasta dedicação e caridade, com deveriam ser todos os médicos. Assim, às 3 horas da tarde do Natal de 1959, encontrávamos-nos as duas, na Maternidade D. Gersina, da Santa Casa de Goiânia, debaixo dos hábeis cuidados do Dr. D.

Viggiano. A meu lado, como a encarnação da mesma bondade, se achava a minha irmã mais velha.

Eu estava ainda uma vez liberta do medo, do receio de intenso sofrimento. Minha vida fora de novo preservada que rouba as mães a seus nenês, neste momento, em que se perde o domínio e se empana a consciência.

Depois, meu coração de mãe. Foi perdendo aos poucos a insensibilidade causada por forte incerteza, para ser inteirinho seu, como já o é de todos os seus irmãos.

Livros de pediatria, que mal chegaram a empoeirar, foram abertos novamente, como se oito bebês não fossem experiência valiosa. De novo, olhos pregados no relógio, mãos queimadas em mamadeiras ferventes, a gente virando sono.

E que noites! Você começava gungunar e eu não quero ouvir. Meus ouvidos alertados, se recusam a passar a mensagem à minha vontade. Que preguiça de abrir as pálpebras à minha vontade. Que preguiça de abrir as pálpebras, de afastar as cobertas! Retiro um braço, outro, torno a me largar no sono, querendo que fosse outro nenê, em outro berço, outro mundo; mas você é realidade e aí está seu choro estridente que não permite dúvidas.

No dia 4 de janeiro de 1960, era sua a camisola branca de Sandra, depois de ter acompanhado à pia batismal os seus oito irmãos. Você foi levada pelo padrinho José e a madrinha Heloísa à Igreja Imaculado Coração de Maria. Lá, depois de tocante cerimônia, você foi recebida no seio do grande rebanho de Pedro, membro da Igreja militante, sendo uma entre milhões, que lutam, para que se cumpra na terra o profundo desejo do PAI, expresso na comovente oração de seu FILHO:

“VENHA A NÓS O VOSSO REINO!”

## *Nove irmãos à sua espera*

Do diário de Sandra: 25 de maio, sexta-feira.

Hoje, logo de manhã, a irmã Josefina entregou-me uma carta, fiquei pensando:

- Mamãe vai me xingar, porque eu tirei nota má. Fiquei até com medo de abrir a carta, mas não há nada neste mundo como a mãe da gente, ela compreende tudo e sabe o que está fazendo.

Abri a carta e pensei: - até agora não há nada! Fui lendo, lendo até que cheguei a um ponto em que me assustei um pouco: - "Um nenezinho"? "Um irmãozinho"? Mais um? E fiquei pensando...Depois concluí: - Seja feita a vontade de Deus, como mamãe diz no fim da carta.

Será como vai se chamar? Desejaria uma mulherzinha de olhos azuis e cabelos loiros, mas se fosse só do jeito que a gente quisesse, eu era caçula e filha única! Quando eu era menor queria assim, mas agora eu não quero ser sozinha não, porque faz tempo que eu queria ser filha única e estão nascendo mais; agora quero ficar com muitos irmãozinhos para ver se Deus não os manda mais. A família vai crescendo, daqui a uns anos, a casa não caberá. Mas eu estou contentíssima! Pena que quando estiver recém-nascida, no tempo em que nós brigamos para carregar, eu esteja neste purgatório, pensando nas meninas carregando-a. Eu não me conformo!

**Catarina:**

Estou desconfiada de mamãe, porque a sua saia de tergal está apertada, vi-a procurando alfinete. Eu não quero mais criança nesta casa, não existe nem nome para botar nelas.

**Paz:**

Mamãe, ganhe mais um nenê, um menino para ficarmos cinco meninas e cinco meninos!

- E se vier outra menina?

- A senhora pede e nós rezamos desde já para vir um homenzinho!

**Fátima:**

Depois de mamãe haver-lhe explicado, em carinhosa linguagem infantil, o mistério do nascimento.

- Mamãe, a senhora vê quando cegonha chega com o nenê?

**Edmundo:**

Mamãe, nenê de mulherzinha magra é só osso?

**Leonardo:**

Quando Mirinha ficar menina (crescida), você ganha outro nenê para nós, deste tamanho, (diz fazendo com as mãozinhas); eu quero de verdade, não é de mentira não!

**Pedro:**

"Mamãe, vai pro hospital busca nenê!

**Myrian:**

O nenê é meu, de mamãe e de papai!

A pedido de Miguel, um porquinho foi bordado em um dos cueiros. As meninas se rivalizaram querendo cada qual fazer o melhor bordado. Cueiros, sapatinhos surgiram amorosamente trabalhados para o Nenê. A roupa foi lavada por Paz, tendo Miguel a lutar com o vento, que teimava em tirar do arame as peças liliputianas.

Querido como poucos bebês, você pode chegar confiante; nove irmãos solícitos, nove cabecinhas se reclinam curiosas, sobre o berço, que está à sua espera!

A esperada se apresenta:

- Seu nome, Luz Maria.



Luz Maria, o bebê esperado pelos nove irmãos.



Da esquerda para a direita: Myriam, Pedro, Leonardo, Edmundo Filho, Maria de Fátima, José Miguel, Maria da Paz, Maria Catarina, Sandra Maria.

## 11 de novembro

A voz do sacerdote ecoou soberba, quebrando o silêncio do templo:

- Luz Maria, o que buscas na Igreja de Deus?

- A Fé.

- O que te traz a Fé?

- A vida eterna.

- Se queres entrar na Vida, observa os mandamentos:

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua mente e a teu próximo como a ti mesma!

Você nascia para a Igreja de Cristo, esta Igreja imutável e sempre renovada, reunida sob a liderança de Pedro.

Nove irmãos vieram antes de você, mas foi bom você chegar bonitinha, sugerindo amor, fazendo eclodir um turbilhão de ternos sentimentos. Como gostaria de tê-los a todos agora, recém-nascidos e envolvidos num abraço, como tenho você.

Não me arrependo de tê-la feito nascer. Se a dei a um mundo conturbado, onde bons e maus se digladiam em eterno contraste, eu a darei também a novos mundos futuros, com os quais Deus tirará do homem agnóstico o pavor de uma terra superpovoada. Terei compreendido bem o "Crescei e multiplicai-vos" de um SENHOR fabricante de mundos?

Aconchegando-a ao coração, olho o céu, cheio de estrelas e de mistérios; minha luz, minha querida e pequenina Luz!

## *Papai*

---

Ele garante a vocês um ambiente estável, em alegre disciplina. Um lar cheio de calma e confiança, que permite à mamãe a oportunidade de se revelar uma mãe verdadeira.

## *Genealogia*

---

Sangue de europeus, africanos e índios se misturam em suas veias. Quanto à gente importante, conhecida e falada da qual vocês descendem, é só mesmo de ADÃO e EVA.



Da esquerda para a direita: Pedro, Leonardo, Edmundo Filho, José Miguel, Maria da Paz, Sandra Maria. Na frente: Myriam, Maria de Fátima com Patrício no colo, Maria Catarina com Luz Maria no colo.

## *Herança*

---

Se através da infinita divisão dos cromossomos, que ligam uma geração a outra e ambas ao homem primitivo, me fora permitido apontar algo nosso para transmitir-lhes, escolheria: de papai, a bondade, que o faz olhar o homem mais humildade, como uma criatura interessante; e de mamãe, a capacidade de sofrer o sofrimento de pessoas alheias, distantes, como se elas fossem vocês, os seus filhos.

*Lembrando Ana, que me embalou e  
Bastiana, uma cozinheira rixenta.  
Falaram à minha meninice de  
Joãozinho e Maria, assombração,  
lobisomem e... Bondade.*

Boas empregadas e babás, às quais muito quero e cuja dedicação e serviços jamais poderei esquecer.

Algumas chegavam acanhadas, chorando pelos cantos, saudosas de um ambiente difícil, mas seu e onde se sentiam seguras.

Vindas quase sempre da roça, traziam cantigas primitivas, propícias ao sono ou velhas estórias para encantar ouvidos à espreita.

Antes de chegar a primeira de vocês, já aqui estavam duas e com que entusiasmo se ocuparam comigo nos preparativos de espera!

Como dependemos dessas criaturas anônimas e humildes! À sua dedicação e vigilância sempre depus boa parte dos trabalhos e cuidados de uma família numerosa. Quantos tombos aparados, quantas lágrimas enxugadas por elas! Sem elas o que seria de mamãe, frágil e cansada, num mar de afazeres e obrigações?

Sempre corresponderam fielmente à minha confiança, contentando-se com o mínimo de atenção que é a sua paga. Várias vezes refleti diante de um castigo mais severo ou uma repreensão talvez injusta, pensando:

- E se fosse uma de vocês na mesma situação e em idênticas circunstâncias?

A este pensamento advinha a calma e uma atitude compreensiva e humana.

Que todas encontrem em mim um coração justo, afetivo e antes de qualquer atitude a tomar, esta interrogação serena e precisa:

- E se fosse um de meus filhos, num lar estranho e hostil?  
E serei também uma mãe para elas.

# *Quantos anos?*

## *Psiiuu!!!*

Assunto proibido!

A recomendação fora feita, terminadas as férias, ao começar em um colégio interno, outro longo semestre. Telegramas ou bolos de velas trairiam a data, antes profusamente festejada.

Para que tanto mistério em torno de tão hilariante juventude? Talvez, junto de meninas da mesma idade, gordinhas e já feitas de corpo, você se sinta bem criança, diminuída quase.

Acaso lhe desgosta este talhe de junco, esta silhueta frágil e delicada como a de uma Nefertiti? Ou será pelo temor de uma velhice futura, mais remota do querida dos dirigíveis à lua?

Minha personalíssima senhorita, a velhice chega delicadamente nos rostinhos encantadores, envergonhados de profanar o que a natureza fez com tanto cuidado!

- Telegrama de felicitações?

- Nada disto, diz ficando vermelhinha. Nem bolo de velas; talvez alguma gulodice enviada sem recomendações especiais.

- Sei, coisas tão comprometedoras que poderiam sugerir uma pergunta, revelar um grande segredo:

- Sandra, quantos anos?

Virá um dia em que não poderemos mais calar a sua idade. Teremos que apresentá-la a uma grande sociedade exigente, para a qual a temos educado.

Você não se vestirá de branco e em vez de ter a cabeça graciosa e erguida à entrada de um salão, terá que baixar os olhos e pousá-los sobre órfãos, doentes, desvalidos. Será esta a sociedade que lhe apresentaremos. Bocas famintas, membros nus, mentes vazias, aquecidos ao calor de sua fraternidade cristã, levarão talvez pelos anos, de sua figurinha, o riso alvo e o olhar de olhos incomensuráveis. A eles não importará que você tenha idade e que idade!

Então, dona de uma juventude perene, olhando para trás, este dia, de certo, sorrirá.

Como é engraçado ter 15 anos e julgar-se velha!...

**P.S.:** Perdoe se numa ternura incontida, eu tenha feito chegar às suas mãos um punhado de flores, junto a estas linhas:

Para Sandra oferecer à Virgem,

a mamãe.

*P. S.*

## *Patrício*

Do diário da SANDRA.

26 de outubro – sábado.

Hoje não me levantei tão boa, saudades de casa!

Uma coisa me dizia que iria à sala de visitas.

Céu limpo, dia quente, nenhum indício de chuva.

Todo fim de ano, quando chego à casa, encontro um novo irmãozinho.

Desta vez vou encontrar “Patrício”. Quem deu a notícia foi tia Teresa, que aqui veio. Sua visita muito me alegrou.

Não deixo de esconder aqui o meu desejo. Eu queria que fosse menina, mas Deus o quis menino, pois que o faça então um grande homem, cheio de virtude e FÉ.

Patrício não só trouxe a alegria à casa, mas também agora já não sou a mais velha de dez irmãos e sim de onze.

**P.S.:**

Onze, e contudo autêntica novidade !

Quero-o como se fora o primeiro, o único, como se fora o último, que talvez será. Para cuidá-lo quero o amor de mil mães, a atenção de todas as sentinelas, pois sei, que embora os demais planetas se tornem habitados, o senhor cujo poder criativo aborreceu igualar sequer as folhas de uma árvore jamais repetirá Patrício!

*Solidária às mães que perderam filhos,  
quebra o silêncio, que cala uma saudade, para  
falar em Edmundo Estêvão, o 1<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> filho,  
ele, cuja vida temporal se resumiu a horas, vive e  
aguarda sua família na Casa do Pai.*

## *Obrigada, Senhor*

---

OBRIGADA, SENHOR, porque me confiastes Sandra, pois muito a desejei. É impertinente, briguenta, mas enche a casa com sua presença buliçosa e a penetrante argúcia de seu espírito. Eu a queria precisamente assim.

OBRIGADA, por Catarina. Sua meiguice e bondade lembram os Querubins de Vosso Paraíso. Às vezes quero-a mais decidida; como são, porém, repousantes sua doçura e mansidão.

OBRIGADA, por me terdes mandado Paz. É barulho, vivacidade, alegria. Paz, que suscita rumores e faz discórdias. Às vezes é boa, noutras, exaspera. Vós a conheceis bem e sabeis que muito de devoção e ternura existe nesta encantadora inquietude!

OBRIGADA, por Miguel. Quando ele chegou, foi como se novamente viesse o primeiro nenê. Quanto encantamento e afeição encontrou à sua espera! Como Vos quer nos pássaros, nos animais, que tanto o enternecem, amando-vos no pequeno mundo que a sua imaginação anseia alargar!

OBRIGADA, por Fátima. Quanta solicitude e carinho nela moram! Está sempre disposta a servir, a agradar.

Edmundo, que criança! Sabe ser levado e manhoso. Duas maneiras positivamente cansativas de se estragar a paciência, mas, OBRIGADA, SENHOR, gosto dele!

OBRIGADA por Leonardo, ainda tão pequeno, de temperamento calmo, com ligeiras birras, uma personalidade que se esboça.

SENHOR, e Pedro? Que de boas ações, de dinamismo e determinação concentrastes neste bebê miúdo e nervoso? OBRIGADA por ele!

OBRIGADA, SENHOR, por Myriam. É ainda tão pequena e só Vós sabeis o que virá a ser. Prezo-a como algo muito querido de Vós e de mim!

SENHOR, sabeis que não vieram somente de mero encontro de células, mas de consentimento de VOSSA vontade adorável!

OBRIGADA, pois desde todo o tempo os guardastes para mim. Poderiam ter nascido em outros lares, em países distantes, ou ficado na frustração de um aborto.

Pensastes em mim para confiá-los. Que eu não Vos desaponte!

SENHOR, se vagueando o Vosso olhar compadecido por este mundo de rebeldia e de loucura, vierdes a fitá-los, que Vossos olhos sorriam e o Vosso coração se alegre. Quanto a mim, agrada-me que minha vontade seja a Vossa vontade, e, para cuidar deles, que eu seja apenas um instrumento maleável em Vossas Mãos onipotentes.

E na hora final, dai-me alento para que eu possa acorrer atenta ao Vosso chamado e responder humildemente: SENHOR, missão cumprida!

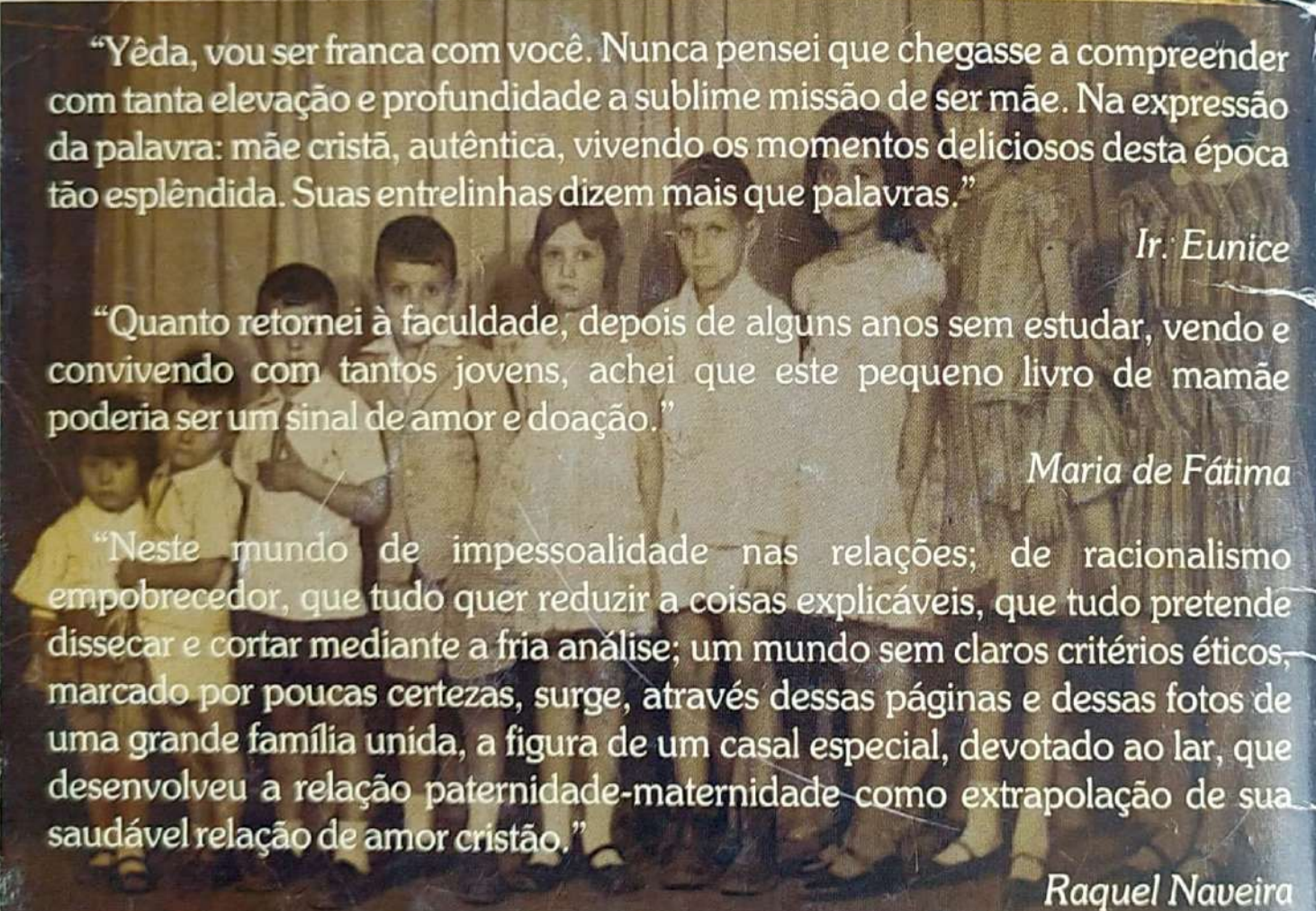
Então Vos direi, para sempre, OBRIGADA.

Amém.

Oração anterior ao nascimento de Luz Maria, Patrício e Estêvão – OBRIGADA, SENHOR, por eles!



Família reunida, em janeiro de 1985.



“Yêda, vou ser franca com você. Nunca pensei que chegasse a compreender com tanta elevação e profundidade a sublime missão de ser mãe. Na expressão da palavra: mãe cristã, autêntica, vivendo os momentos deliciosos desta época tão esplêndida. Suas entrelinhas dizem mais que palavras.”

*Ir. Eunice*

“Quanto retornei à faculdade, depois de alguns anos sem estudar, vendo e convivendo com tantos jovens, achei que este pequeno livro de mamãe poderia ser um sinal de amor e doação.”

*Maria de Fátima*

“Neste mundo de impessoalidade nas relações; de racionalismo empobrecedor, que tudo quer reduzir a coisas explicáveis, que tudo pretende dissecar e cortar mediante a fria análise; um mundo sem claros critérios éticos, marcado por poucas certezas, surge, através dessas páginas e dessas fotos de uma grande família unida, a figura de um casal especial, devotado ao lar, que desenvolveu a relação paternidade-maternidade como extrapolação de sua saudável relação de amor cristão.”

*Raquel Naveira*